

Médicos são acusados pelos índios

TEMBÉ

Falta de comunicação e negligência teriam matado o pequeno Simon

FOTOS: ANTONIO SILVA

EDIVALDO MENDES
Correspondente em Castanhal

Dois motivos podem ter levado à morte do garoto Simon Braga Tembê, de 12 anos, acometido junto com boa parte de sua aldeia de ataques de diarreia, vômitos e dores no estômago. O primeiro é apontado pelos índios Tembê da aldeia São Pedro, em Capitão Poço, que durante três horas se reuniram com o procurador da República Ubiratan Cazzeta, o administrador regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), Frederico Oliveira, o coordenador regional da Fundação Nacional de Saúde (Funasa), Manoel Cruz, e outras autoridades municipais. Eles acusam de negligência os médicos que atenderam o pequeno Simon, lotados no posto da aldeia e na unidade mista de saúde de Ourém.

O segundo motivo é indicado pela comitiva que se deslocou até a aldeia, ontem de manhã, para verificar a situação dos índios: não há o menor entrosamento entre a Funasa e a Secretaria de Saúde de Ourém.

As lideranças indígenas acusam o médico do posto da aldeia, Moisés Ribeiro, a médica Cristiane Alves Leite de Freitas, da Unidade Mista de Saúde de Ourém, de terem cometido negligências que acabaram por determinar a morte de Simon. O médico já foi demitido do posto da aldeia. Ele foi acusado de mandar o índio para a URS de Ourém e tê-lo abandonado à própria sorte no local. Também é acusado por não ter feito o diagnóstico nem interpretado o exame que mandara fazer no índio. O exame apontava que Simon estava com cerca de 20 mil leucócitos no corpo e Moisés não lhe ministrou um antibiótico sequer.

A médica Cristiane é acusada pelos índios de ter dificultado a transferência de Simon para Belém, e ter mantido uma postura radical, ao afirmar que quem mandava na unidade era ela e o menor só sairia de lá quando ela quisesse, mesmo com Simon pedindo para que o levassem da unidade.

O motorista Edgar Júnior, da Unidade Mista de Saúde de Ourém, também é acusado pelos índios de ter sido grosseiro, primeiro ao colo-

car empecilhos para levar o índio doente para Belém e depois por pedir à mãe de Simon que evitasse, durante a viagem, que o menor "evacuasse" e "baldeasse" dentro da ambulância.

Após a morte de Simon, já no Hospital do Pronto Socorro Municipal, em Belém, Edgar teria sido mais grosseiro ainda: "Ele (Edgar) tirou o colchão da maca da ambulância para que eu colocasse o corpo do meu filho, e ainda pediu que eu arrumasse um plástico, que era para não sujar os ferros da maca", denunciou Creuza Tembê, mãe de Simon.

Depois de passar a maior parte da reunião ouvindo as queixas entre os índios e representantes da Funasa, Funai e da secretaria de Saúde de Ourém, o procurador Ubiratan Cazzeta propôs duas reuniões: a primeira em Belém e a outra em Ourém, para que se pudesse acelerar a municipalização do sistema de saúde de Ourém. Antes dessa municipalização ser consolidada, o procurador quer que se dê assistência médica melhor aos índios. "É preciso acabar com essa falta de comunicação, com essa conversa de surdo que não leva a lugar nenhum", alertou Cazzeta.

Sobre os motivos que provocaram os ataques de diarreia, vômitos, dores no estômago e manchas na pele de vários Tembê, Cazzeta informou que na próxima sexta-feira deverão ser divulgados, pelo Instituto Evandro Chagas, os exames feitos nos índios acometidos por aquelas enfermidades. E que dentro de no máximo quinze dias deverá sair o resultado das análises que estão sendo realizadas em amostras da água do rio Guamá, que corta a reserva indígena dos Tembê.

As amostras foram coletadas defronte à aldeia São Pedro e próximo de onde fica a área de 700 hectares do projeto de reflorestamento da Eldai do Brasil, que está sendo acusada pelos Tembê de ter despejado agrotóxicos no rio. Takushi Sato, representante da Eldai na reunião, disse que não existe essa possibilidade e que a área da empresa está aberta para que os índios conheçam, inclusive, as técnicas de plantio de milho, arroz e a criação de porcos.



Na aldeia São Pedro, a água consumida pelos índios Tembê tem sinais de contaminação. Análises já estão sendo feitas.



Crianças são vítimas da falta de saneamento na aldeia

"É preciso exorcizar as raivas"

Mesmo evitando se manifestar sobre o assunto, era unânime entre os representantes dos órgãos presentes na aldeia São Pedro que o que provocou o surto de diarreia e vômitos entre os Tembê foi mesmo a água que estava sendo consumida por eles. Aliado a esse problema, já que a água das cacimbas aparenta estar imprópria para o consumo, outro mal que pode ter colaborado para o surto são as péssimas condições sanitárias em que eles vivem. Os banheiros ficam próximos às cacimbas, os animais criados por eles (galinhas, patos, bois e cavalos) também vivem soltos, defecando por todos os lugares.

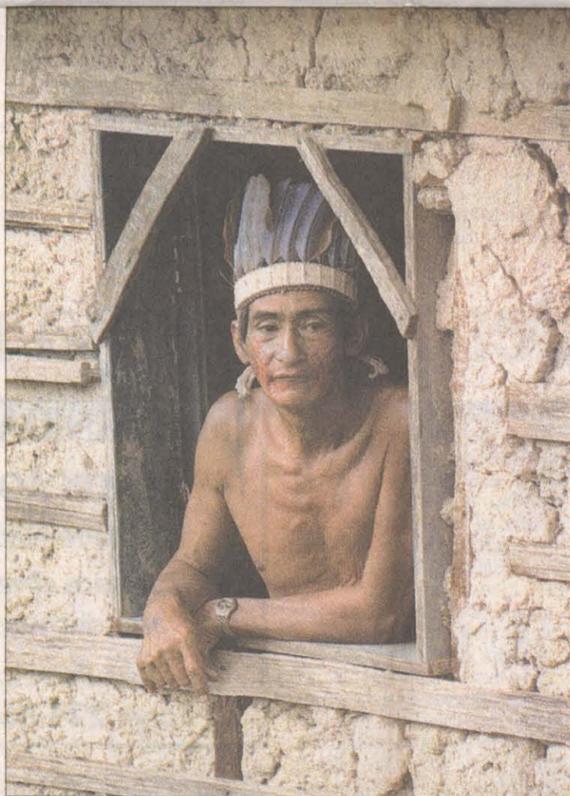
Ontem, o secretário de Saúde de Ourém, Egnaldo Carvalho, revelou que todas as cacimbas que os índios da aldeia Tembê utilizam diariamente "não têm padrão de potabilidade" porque elas estão contaminadas por coliformes fecais. Mas mesmo assim ele não quis afirmar que a água dessas cacimbas causou o problema, preferindo aguardar os exames.

Sobre o microsistema de purificação de água instalado por uma empresa particular em agosto de 1998, e que estava quebra-

do desde o início do ano, Carvalho disse que o aparelho tinha sido instalado "à revelia" pelos donos da empresa e que só agora ela tinha sido recuperada. "Mas enquanto não chegarem os exames da água do rio, os índios devem ingerir apenas a água mineral que estamos fornecendo", alertou o secretário.

Alerta - Com uma longa convivência entre os índios Tembê, o indigenista Francisco Potiguara disse ontem que era chegada a hora de todos os responsáveis pelos órgãos que trabalham diretamente com os índios "desarmarem os espíritos e parar de apenas criticar e achar que tudo está errado". Potiguara lembrou da necessidade de "reforçar o sentimento do cumprimento do dever", explicando que "a Funai deve ouvir a Funasa e a Funasa deve ouvir a Funai, e assim por diante".

Ele acha que o que provocou o surto de doenças entre os índios foi "uma soma de erros" das pessoas que atuam nesses órgãos. Completando o que Potiguara disse, o produtor da República Ubiratan Cazzeta disse que "é necessário exorcizar as raivas".



O modo de vida dos índios é precário na aldeia São Pedro

Obra da escola irrita Cazzeta

"Um desastre". Foi assim que o procurador da República Ubiratan Cazzeta se referiu às obras que estão sendo feitas para a construção de uma escola na aldeia São Pedro, com recursos do governo do Estado e que ainda está por ser inaugurada. Ele observou que nada foi bem feito, do piso ao teto, que está cheio de goteiras, passando pela madeira usada, "de péssima qualidade".

O que mais irritou o procurador foi a construção das duas fossas da escola, ambas com as paredes laterais sem aterro e por isso com muita infiltração. "É impressionante o desleixo e a irresponsabilidade na construção dessa obra. E olhem que não é por reclamação dos índios que ela está sendo construída dessa maneira", afirmou Cazzeta, que deverá tomar as providências necessárias para reparar a série de erros naquela obra.

Inverno - Raimundo Tatiua, de 62 anos, é um dos mais antigos integrantes da tribo Tembê que habitam a reserva do Alto Rio Guamá. Avô do índio Simon, ele garante que nunca viu um caso como o que presenciou nas últimas semanas. "Há uns

dois anos eu me lembro que teve muita criança com diarreia aqui na aldeia, mas só em menos de 20 crianças", conta o velho Tembê.

Mesmo assim Tatiua garante que não foi a água consumida pelo seu povo que provocou a enfermidade na aldeia. "Eu quero dizer que não foi a água. Nós bebemos tanto tempo dela. Eu acho que a doença veio junto com o inverno", especula Tatiua.

Ele agora está botando fé mesmo é "na máquina que limpa a água", referindo-se ao microsistema de purificação instalado na aldeia, que inicialmente era para ser adquirido pela Funasa.

O velho índio reclama que já faz quatro anos que a Funasa vem tentando furar três poços artesanais na aldeia, com o objetivo de instalar microsistemas de água em toda a aldeia São Pedro. "Mas eles nunca chegaram numa profundidade que tenha muita água. Sempre o cano bate na rocha e o poço se perde", explica Raimundo Tatiua. Ele acha que só com uma broca mais forte vai ser possível quebrar a rocha. "Aí nós vamos ter muita água", completa.